

Trata-se de um tratamento objetivo dos fatos artísticos, que leva em conta o condicionamento social e a atuação da arte sobre a sociedade, mas evita a rigidez dos determinismos. Isto porque se mostra igualmente atento à “vida das formas”, à sua dinâmica própria, e quebra a idéia de causalidade unilateral. Esta flexibilidade e abertura do pensamento de Bastide lhe permitiu a posição compreensiva com que analisou os fatos da literatura brasileira, indicando o seu interrelacionamento com a sociedade e a cultura e procurando mostrar a tradução estética dos fatores “externos”.

3. Sobre a contribuição de Roger Bastide à Psicologia Social

Virgínia Leone Bicudo

A oportunidade desta reunião, para pensarmos o pensamento de Roger Bastide, não é somente demonstração de sua presença entre nós, mas é também uma forma de retomar contato com suas contribuições no campo da psicologia social.

Em 1948, Bastide publicava “Sociologia e Psicanálise”, em cujo livro se reflete a personalidade de um sociólogo capaz de sobrepor-se a preconceitos, particularmente ao preconceito científico. Da primeira à última página de seu livro confronta teorias sociológicas com teorias psicanalíticas, como se estivesse dialogando com os respectivos autores, ora assumindo a posição de um, ora a de contestador, para finalmente colocar seu ponto de vista.

A dúvida, que lhe permitia um constante questionar, nos favorece a prosseguirmos em diálogo com Roger Bastide, sobre as contribuições recíprocas entre a psicanálise e a psicologia social, esta última constituindo-se em um elo entre a psicologia e a sociologia. Esta posição surge explicitada em “Sociologia e Psicanálise” nos termos: “No decorrer de nosso estudo, uma inversão total se operou. Pensávamos a princípio que era o indivíduo que se explicava pela sociedade; na realidade, porém, esta sociedade atual tem uma história, um começo; e fazendo sociologia genética percebemos que é o indivíduo que explica o social. Em suma, a psicanálise, parecendo a princípio postular a sociologia, acaba por inverter a sociologia clássica e substituí-la por outra completamente diversa. Esta nova sociologia é do tipo psicológico, pois que o social remonta ao psíquico. Distingue-se das outras do mesmo tipo por tratar-se de um psiquismo de natureza libidinosa”. (pg. 178-9)

Com o evoluir da psicanálise e das ciências sociais, cada vez mais a posição de Roger Bastide vem se confirmando. Se com Freud a ênfase na abordagem do fato psíquico recai sobre os instintos e suas vicissitudes, com Melanie Klein a

ênfase é colocada sobre as angústias e suas vicissitudes, em termos de frustrações por condições andógenas e externas. A frustração, fator inevitável e indispensável para o desenvolvimento psíquico e social, passou a ser considerada em função de angústias experienciadas na relação entre o indivíduo e o social. Segundo Melanie Klein, o desenvolvimento psíquico é caracterizado por angústias de natureza esquizo-paranóide, as quais preponderam durante os dois primeiros anos de vida. Nesse período, a criança se protege de angústia existencial por mecanismos psíquicos de defesa, através dos quais percebe como intrínseco ao seu ser tudo quanto lhe dá conforto, e exterior ou estranho tudo quanto lhe é ameaçador. Ao mesmo tempo, em função dos mecanismos psíquicos de identificação projetiva e introjetiva, isto é, dos meios mais primitivos de comunicação e de relacionamento entre o mundo inteiro e o mundo externo, a criança incorpora e reelabora psicologicamente as expectativas de comportamento do grupo social.

Após os dois anos de vida, com o desenvolvimento da percepção de que o objeto que a gratifica e do qual depende é o mesmo que a frustra, angústias depressivas passam a dominar a mente infantil. A intensidade das angústias, quando esquizo-paranóide representadas em fantasias de ser atacada pelo de fora, e quando depressivas sentidas no medo de perder o objeto amado, varia de acordo com a intensidade com que seus impulsos exigem satisfação incondicional e, por outro lado, segundo a intensidade e extensão das frustrações que lhe são impostas pelo ambiente sócio-cultural.

A superação de preconceitos é condição *sine qua non* para que o trabalho do cientista possa medrar, com o mínimo de deformações advindas da contaminação mental. O pensar livre foi característica marcante da personalidade de Roger Bastide. A acuidade está presente em sua argumentação. Revela-se por exemplo no capítulo coerção e censura sociais ao assinalar os significados de coerção, censura social, repressão e supressão. Poder-se-iam distinguir, pondera Bastide, as coerções físicas das morais, e de outro lado o psíquico como órgão de inibição, isto é, a repressão e a supressão pelo recalamento. Mas se a censura não se confunde com a coerção dos sociólogos, a censura confunde repressão, esforço consciente e voluntário para banir do pensamento elementos dolorosos, com a supressão, mecanismo instintivo que mantém fora da consciência elementos que poderiam ser prejudiciais à nossa atividade mental.

Para repensar as teorias sociológicas, Roger Bastide propunha o reexame da organização da família sob o vértice das teorias psicanalíticas, com referência à censura e à sublimação da libido no processo da vida infantil. Seus comentários põem em destaque fatos que merecem a consideração de quantos se dedicam à psicologia social. "Sendo mais amplo e anterior ao genital, o sexual pode então desempenhar na vida da sociedade mais que um papel indireto e posterior à puberdade". E no tocante às críticas de adversários à psicanálise teve olhos para perceber, conforme suas palavras, "que as críticas dos sociólogos geralmente se repetem através dos autores, ou se baseiam nas objeções de psicólogos e de psiquiatras adversários de psicanálise".

Capaz de abarcar proposições divergentes, sem emocionalmente envolver-se promovendo a colaboração entre estudiosos de áreas diversas, assim propiciando o surgimento de novas conjunções, as quais precedem ao desenvolvimento da ciência. Entre nós, no que diz respeito à psicologia social e à psicanálise, Roger Bastide abriu espaço para um convívio produtivo.

Convidado para orientar e dirigir um inquérito sobre Relações Raciais, pesquisa de empreendimento pelo encontro de objetivos comuns entre Unesco e Anhembi, revista dirigida por Paulo Duarte, ao lado de Florestan Fernandes, Roger Bastide congregou sociólogos, a cujo grupo de pesquisadores incluiu psicólogos. Por motivos óbvios reproduzo de seu prefácio publicado em "Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo",* o seguinte tópico: "... Até o momento só se falou do trabalho sociológico realizado em São Paulo. Mas esse trabalho foi complementado por outro, psicológico, feito em grupos infantis pelas doutoras Aniela Gnisberg e Virgínia Bicudo, cujos resultados, como se poderá ver, vêm corroborar os primeiros. A seguir publicar-se-ão os belos trabalhos de psicometria e de aplicação de testes projetivos dessas duas psicólogas."

Parece-me que me encontro participando desta mesa redonda como extensão do convite de Roger Bastide para com ele trabalhar. Todavia, por muitos outros motivos nos encontramos reunidos, e entre outros, o de trazer nosso tributo de gratidão a quem soube apoiar, incentivar e respeitar a quantos com ele colaboraram. A psicanálise é tema controvertido; mas Roger Bastide possuía condições de personalidade para discutí-lo objetivamente. Encerrando meu pronunciamento modesto ao delinear a personalidade e a contribuição cultural de Bastide, transcrevo algumas de suas considerações em seu livro "Sociologia e Psicanálise"* **: "Se o pensamento mórbido é fuga do social naturalmente não poderá explicar o social. Se a consciência mórbida é a falta de ligação entre o cultural (princípio da realidade) e o natural (princípio do prazer), o doente pode assim servir-nos para ver as dificuldades de inserção do cultural no natural, para compreender o mecanismo desta inserção do trans-subjetivo no subjetivo. E estamos já passando do seu papel na patologia social a seu papel em psicologia social." Que seu empenho na busca de processos integrativos frutifique. Meus agradecimentos àqueles que nos proporcionaram esta oportunidade para um reencontro com Roger Bastide.

* Roger Bastide e Florestan Fernandes, *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*, Editora Anhembi Ltda, São Paulo, 1955.

** Roger Bastide, Instituto Progresso Editorial, S.A. São Paulo, 1948.